

LITERATURA DE VIAGEM – NATUREZA: IMAGINAÇÃO E EXPERIÊNCIA NO RELATO DE FERNÃO MENDES PINTO

Aluna: Nathália Fernandes Soares
Orientadora: Flávia Maria Schlee Eyler

Introdução:

A descoberta do Novo Mundo e os relatos de viagem possuem uma relação muito particular entre si na medida em que possibilitam a construção de novas percepções sobre o real. Desse modo, salientamos que entre os séculos XV e XVI, é possível observar uma desestruturação da base teológica medieval que, até então, orientava a vida dos homens da Europa. A crença medieval de que Deus era o único Autor da criação, e de que as ações dos homens apenas contavam para a salvação, sofre importantes modificações com a expansão marítima ocidental.

Esse desequilíbrio do sistema cosmológico começa a movimentar um processo de adaptação que vai alterar tanto as visões do mundo quanto as visões de mundo, ou seja, o próprio imaginário europeu.

Nesse sentido, a viagem de Fernão Mendes Pinto, “um pária aventureiro, no meio de nobres e funcionários” [1], ganha relevância na medida em que a partir dela podemos observar essa fratura do modo de ver do homem medieval para o homem moderno. O relato de *Peregrinação* nos permite acompanhar as fronteiras narrativas que apontam para o limiar entre o velho e o novo modo de percepção.

Objetivos

Os estudos que até recentemente foram feitos acerca da *Peregrinação* tinham por objetivo por em cheque a veracidade do relato de Fernão. Porém, o que ocorre é que a obra em questão, ainda que lembre vários gêneros, ora literatura, ora história, não se enquadra em nenhum deles. O relato de Fernão Mendes Pinto deve ser tratado, então, como um meio de formulação da realidade, como uma construção que opera ora com o real, ora com o imaginário em um mundo que por sua vez, cada vez mais exigia uma separação discursiva entre história e ficção. A especificidade do relato de Fernão Mendes Pinto nos obriga, então, a pensar nas distinções discursivas que são problematizadas no mundo moderno.

As distinções entre real, fictício e imaginário, no relato da *Peregrinação*, serão desenvolvidas a partir do trabalho de Wolfgang Iser[2]. Assim, a busca daquilo que seria “a verdade” no relato de Fernão Mendes Pinto deve considerar, em nossa pesquisa, o contato entre os três níveis de formulação discursiva: o real, o fictício e o imaginário. Os três aspectos estariam sempre em relação uns com os outros e não possuiriam uma definição “fora” da própria relação. A importância que a experiência e o testemunho passam a ter no século XVI nos possibilita avaliar as fronteiras entre real e imaginário na produção do conceito de natureza. O trabalho sobre o relato da *Peregrinação* pretende observar como os anseios, as ações e os desejos que formavam o “horizonte de expectativas” do início dos tempos modernos chocam-se com o horizonte medieval. O que nos interessa é a oscilação entre as verdades antigas e novas presente no seu relato tendo como eixo, sobretudo, a percepção da natureza.

Metodologia:

O projeto é norteado pela aproximação dos campos entre História e Literatura. Isso se dá na medida que Mendes Pinto, bem como outros relatos de viagem através da experiência específica que eles possibilitam rompem as regras que orientavam os gêneros da autobiografia e da literatura de viagem, tanto da antiguidade como do Medievo.

Na Idade Média, o mundo criado é objeto da inteligência divina que se realiza conforme as alegorias espirituais, segundo o símbolo místico e de maneira profética. Era um mundo norteado pela crença total em um Criador cuja criação, perfeitamente ordenada, justificava a veracidade das maravilhas e do aparente inverossímil. Na definição de Aristóteles, "devemos preferir um impossível que seja verossímil a um possível que seja incrível" [3]. No Medievo, não se impunha a distinção entre o verídico e o ficcional visto que para que um relato fosse convincente, bastava apenas que o exótico, o diferente, se mostrasse semelhante ao já conhecido pelo leitor ou pelo ouvinte.

Para o mundo medieval, os monstros dos bestiários eram a prova do poder do divino e não um questionamento do mesmo. Com as viagens modernas, com as incursões no desconhecido, antes só governado pela axiologia cristã, temos agora um mundo onde há uma diversidade humana, diversidade essa em que há uma experimentação do mundo, que saiu da contemplação medieval; era um mundo que já existia, era antigo na tradição, só que nunca havia sido visitado, o conhecido que nunca havia sido visto.

Era da experimentação do mundo que provinha a autoridade do escritor. Com a quebra do mundo medieval, em que a História caminhava de mãos dadas com a História Sagrada, a autoridade da narrativa vinha do testemunho dos olhos, do “eu vi”. Essa verdade secularizada existente na obra de Fernão, deveria conviver com a verdade cristã.

Conclusões:

As conclusões até o momento atual da pesquisa, dizem respeito a constatação de que os paradigmas cristãos, como antes já mencionados, sofreram quebras nesse processo de formação no sujeito moderno, processo esse que estamos observando no relato da *Peregrinação*.

A experiência com o mundo novo rompe com a antiga visão integrada do cosmo cristão. Fernão passa a olhar as coisas não mais como desígnios divinos ou providência. Um dos mais belos trechos do livro que ilustram bem essa mudança se dá quando Mendes Pinto, membro da tripulação do pirata Antônio de Faria, naufraga e estando para morrer de fome, um pássaro que passava voando, deixa cair um peixe que acabara de capturar. Faria então, rapidamente ergue os olhos aos céus, mas não com o objetivo de agradecer a Deus por prover o alimento, mas com o intuito de ver se havia mais comida no alto. Há uma quebra na sacralidade orientadora do mundo, o céu não era mais o lugar onde habitava o divino, mas sim de onde poderia cair o alimento, é um lugar vazio de significado por onde as coisas caem.

O estudo da obra de Fernão Mendes Pinto nos permite trabalhar com novas possibilidades de apreender o mundo moderno em formação bem como as mudanças de paradigmas observáveis em relação ao tratamento que Fernão Mendes Pinto dá a natureza, que se dessacraliza. Os fenômenos naturais bem como os homens, ora impelem Fernão para o caminho tradicional como para caminhos ignorados pelo autor. Contudo, ambos o guiam a outro modo de ver e de se conceber, “ o sujeito moderno, psicologicamente orientado,”[4]

Referências:

1. COSTA LIMA, L: O redemunho do horror. **As margens do Ocidente**, São Paulo: Editora Planeta, 2003.
2. ISER, Wolfgang : **O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária/A**, Rio de Janeiro: Editora EdUERJ, 1996.
3. ARISTÓTELES: **A arte retórica**, Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
4. COSTA LIMA, L: O redemunho do horror. **As margens do Ocidente**, São Paulo: Editora Planeta, 2003.